

17 DE FEVEREIRO



Imagem: COs Sete Santos Fundadores da Ordem dos Servos recebendo seu hábito de Nossa Senhora / Wikipédia

OS SETE SANTOS FUNDADORES DA ORDEM DOS SERVOS DE MARIA (1245-1310)

Estamos na Florença do século XIII, rica de cultura e de dinheiro, encruzilhada de ideias e de lutas entre as duas maiores autoridades do mundo medieval: o Papa e o imperador. Guelfos e gibelinos disputavam a supremacia política e econômica e deixavam correr sangue até nas igrejas, mas, ao lado dos ávidos pelo poder e pelo dinheiro, não faltaram homens e mulheres que praticaram uma vida evangélica como os primeiros cristãos de Jerusalém.

Não é por nada que na cidade e nos arredores, além dos conventos das ordens mendicantes, havia numerosos grupos de humildes e de penitentes, fiéis à Igreja, enquanto faziam sentir sua forte presença os patarinos e os albigenses, que não eram nada gentis com a hierarquia eclesiástica, muitas vezes comprometida com as riquezas deste mundo.

ATÉ OS COMERCIANTES PODEM FAZER MILAGRES

Os nossos sete fundadores não são conhecidos individualmente, mas pelo que realizaram como grupo. Eles eram todos leigos, alguns ainda solteiros quando começaram aquela experiência espiritual e assim permaneceram, outros eram pais de família ou viúvos. Eram comerciantes de lã, manuseavam muito dinheiro e tinham contato com comerciantes de outras cidades também; podiam se permitir certo luxo e na escala social vinham logo depois dos nobres.

Como se encontraram? Como bons cristãos, como tantos outros, desejavam a reforma da Igreja. Na cidade ainda estava muito vivo o ideal de São Francisco e de São Domingos, como se pode ler em seu *Livro das origens*: “Cristo, luz da humanidade, começou a resplandecer e a aquecer mais forte por meio desses dois luminares e irradiando e reaquentando o mundo com a palavra da pregação de um (Domingos) e com o exemplo de humildade do outro (Francisco) fez retroceder o gelo da infidelidade e retornar o calor da caridade quase extinta. Então, o coração humano, como em uma primavera espiritual, começou a enternecer-se e a ceder sob a condução desses dois grandes

amantes de Deus e perscrutadores dos corações. Suas ordens, estando eles ainda vivos, cresceram como árvores gigantescas e produziram flores e frutos que dissiparam todas as heresias” (*Sobre a origem da Ordem dos Servos de Maria*, 22).

Os setes comerciantes faziam parte do grupo dos “irmãos e das irmãs da penitência”. Eles, mesmo permanecendo cada um na sua casa e cuidando dos negócios da família, empenhavam-se particularmente nas obras de assistência aos pobres, aos doentes e na participação da vida litúrgica. Admiravam as ordens mendicantes, mas não pensavam em entrar nelas, uma vez que muitos deles tinham famílias.

Lentamente se delineou entre eles, pelo fervor espiritual e pelo empenho social, o pequeno grupo dos sete. Esses eram, segundo a tradição mais comum, Bonfiglio, Bonagiunta, Manetto, Sostegno, Amadio, Ugucione e Aleixo. Como explicou o bispo da cidade, Ardingo, e o célebre pregador São Pedro de Verona, ambos incentivaram os sete a seguir a inspiração que sentiam arder em seus corações.

DEIXANDO TUDO, SEQUIRAM A JESUS

Enquanto em Florença ficava mais acesa a luta entre Frederico II e o Papa, os sete, depois de terem cuidado das necessidades dos filhos, libertaram-se de seus estabelecimentos de comércio e, de acordo com suas respectivas esposas, retiraram-se para uma casa nos arredores de Florença, numa localidade chamada Cafaggio.

Também as esposas aceitaram viver o mesmo ideal, retirando-se para conventos femininos, tão numerosos e estimados na cidade, fato raro naqueles tempos. Os sete se uniram entre si com o compromisso de plena comunhão fraterna, extrema pobreza,

não só pessoal, mas também coletiva, vestiram o hábito cinzento dos penitentes e continuaram no serviço aos pobres. Não havia entre eles nenhuma aspiração de se tornarem sacerdotes e pregadores.

Quando estourou a luta entre os guelfos e gibelinos, estes últimos estavam em supremacia e os sete corriam o risco de ver desfeito seu grupo religioso e de serem mandados cada um de volta para sua casa e às antigas ocupações. O bispo Ardingo lhes doou um terreno no monte Senario e eles para lá se transferiram e construíram uma pequena casa. Lá não estavam sob a jurisdição da cidade e podiam se dedicar ainda mais à contemplação, mas tinham a necessidade de um sacerdote e por isso foi ordenado Bonfiglio. Já então adquiriram a fisionomia de uma ordem religiosa e adotaram também a regra de Santo Agostinho, que os chamava de volta à vida apostólica, a famosa *Apostolica vivendi forma*.

Nessa altura, outros batiam à porta da pobre casa no monte Senario e, em 7 de outubro de 1251, mais dezenove irmãos se uniam ao primeiro grupo e faziam votos, nas mãos de Bonfiglio, de partilhar na mais absoluta pobreza o ideal da nova família religiosa.

COMO OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Sua espiritualidade foi-se delineando com características sempre mais claras. Antes de tudo, o retorno à vida cristã primitiva por meio da prática da pobreza até ao heroísmo: não possuir nada nem pessoalmente, nem como comunidade. O apego à riqueza havia viciado também os homens da Igreja, provocando muitos movimentos religiosos amiúde em luta aberta contra os bispos e o Papa, até a separação da Igreja institucional considerada então como

indigna. Os servos de Maria, como outras ordens religiosas, davam uma resposta diferente: não se irritavam contra aqueles que não viviam o Evangelho, mas escolhiam um estilo de vida o mais próximo possível do dos apóstolos, permanecendo no seio da Igreja.

A pobreza era vivida como meio de redescobrir o Evangelho e voltar à origem da comunidade cristã, quando esta ainda era um só coração, uma só alma e tinha tudo em comum, até mesmo os bens materiais. Mais tarde, São Filippo Benizi, geral da ordem, mesmo reafirmando o valor da pobreza evangélica deveria atenuar a rigidez de alguns pontos da regra para permitir aos seus frades atenderem melhor às necessidades do ministério.

A segunda característica era a fraternidade. Em um mundo no qual a rivalidade entre as cidades e, mesmo na própria cidade, entre as famílias mais poderosas, semeava ódio e discórdia com consequências catastróficas, em que os pobres pagavam sempre o preço mais alto, os sete fundadores redescobriram e colocaram às claras o valor social da fraternidade humana: todos iguais, filhos de um único Pai, irmãos entre si. ●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO, de Enrico Pepe, publicado pela Editora Ave-Maria.